



Director literario:

*Albuquerque*  
PAPIM

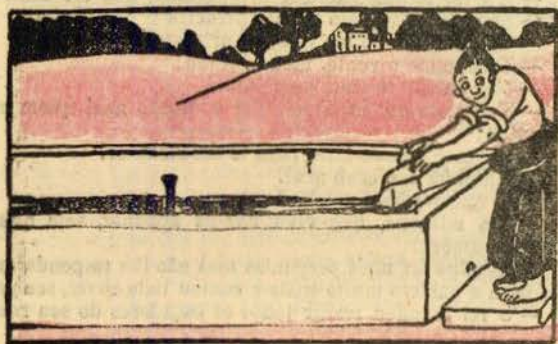
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

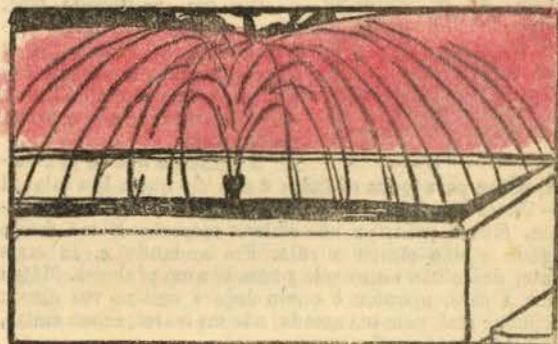
Director artistico:

*Iduarte*  
PAPUSSE

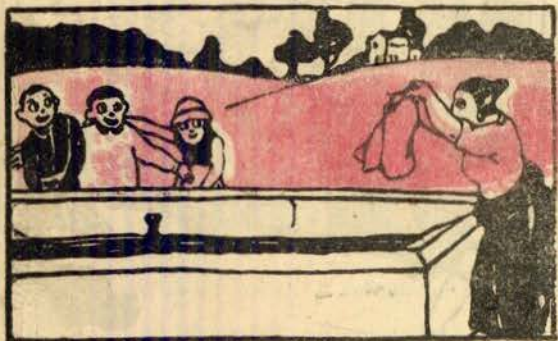
# Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



*Certo dia uma cachopa,  
Por sinal de boa pinta,  
Estava a lavar a roupa  
No grande tanque da quinta...*



*Como era um tanque de luxo,  
Quando se abria a torneira,  
Saca um lindo repuxo  
Do ralo de uma mangueira.*



*Pim e Pum, que por ali  
Andavam de brincadeira,  
Cochicham lá entre si  
E vão abrir a torneira.*



*Então, a pobre cachopa,  
Sofrendo susto tamanho,  
Lava a cara, lava a roupa,  
Lava-se toda num banho!*



# A ROLA INOCENTINHA

E A

## PRINCESA ENCANTADA

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



AVIA um príncipe filho dum rei muito poderoso e duma rainha muito boazinha. O príncipe era um apaixonado por caçadas, atirador distinto, pois raramente errava uma peça de caça.

Um dia, na tapada real, viu uma rôla empoleirada numa árvore e, quando ia a apontar a sua espingarda, ouviu uma voz dizer: Olha a rôla inocentinha, não a mates coitadinha!

O príncipe que já já a disparar, olhou para todos os lados e não viu quem lhe falava!

— Quem me fala em voz tão meiga e tão doce?! perguntou. Mas o príncipe não obteve resposta. Ficou muito intrigado e não matou a rôla. Foi andando e, lá mais adiante, descobriu outra rôla pousada num pinheiro. Meteu a arma à cara, apontou e ouviu logo a mesma voz dizer: — Príncipe real, pela tua amada, não me mates, se me matas, não matarás mais nada!

O príncipe olhou para todos os lados e não viu quem lhe falava ao coração. Teve medo e não matou a rôla. Cada vez mais intrigado, saiu logo da tapada, foi para o palácio mas não contou o que lhe acontecera quando ia a disparar para matar as rôlas. Entrou nos seus aposentos, deitou-se sobre um canapé estofado e adormeceu. Adormeceu e sonhou. Sonhou que via ali no seu quarto uma menina muito bonita que lhe pareceu ser a sua amada e que lhe disse: — As rolas que tu matas, sou eu quem te as envia; quero que te divirtas a matar rôlas. Não faças caso do que ouves na tapada quando vais a disparar, porque é um génio mau que te quer fazer arreliar.

O príncipe acordou e não viu a menina bonita que lhe falava. No dia seguinte levantou-se e a primeira coisa que fez depois do primeiro almoço, foi pegar na espingarda e ir para a tapada. Assim que lá chegou viu logo uma rôla cortar o espaço como uma flecha, pousar numa amendoeira carregada de flor e abrir as ásas, fazendo: — Cú-cú-rú... cú-cú-rú... O príncipe ia a disparar quando ouviu a mesma voz que lhe falara no dia anterior:

— Sou a rôla muito querida, se me matas, não matarás mais nada em toda a tua vida!

O caçador não fez caso do que ouviu; apontou, disparou e matou a rôla. Correu para a meter na bolsa e por mais que a procurasse não a encontrou, Parecia ter-se sumido pelo chão abaixo.

— Ora esta! exclamou o príncipe. Se eu bem a vi cair! aqui não há mato; não compreendo! Quem sabe se fui traído pela menina bonita que me apareceu no sonho? E quiz experimentar se era verdade não matar mais nada, como dissera a voz misteriosa.

Andou mais uns passos e saltou-lhe um coelho...

Apontou mas não o matou. O coelhinho tinha fugido, aos saltinhos, muito contente da sua vida.

O príncipe não podia acreditar no que lhe acontecera. Errar um coelho e tão perto!! Não teria chumbo o cartucho?! E tirando do cinto todos os cartuchos, pelo seu peso, viu que estavam todos carregados,

Naquele dia viu muita caça, deu muitos tiros, não matou nada e nunca mais ouviu a voz misteriosa! Envergonhando-se de entrar no palácio sem levar caça alguma e zangando-se, deu com a arma numa pedra e partiu-a. Nesse momento, ouviu a tal voz que dizia: — Eu não te disse, alma adorada, que, se matasses a rôla, não matarias mais nada?!

- E's tu, minha adorada princezinha, que me falas?!
- Sou sim, meu bem amado príncipe!
- Como vieste do teu reino aqui parar?
- Trouxe-me o vento, meu adorado!
- Mas eu não te vejo, meu Deus!
- Tornaram-me invisível. Foi o mocho azul quem me encantou!
- E que é preciso fazer para te desencantar?
- Matarem o mocho azul.
- E quem o há-de matar?
- Um milhano, que vivo hão-de apanhar, seja quem fôr, meu amor!

O príncipe fez mais perguntas mas não lhe responderam. Foi para o palácio muito triste e contou tudo ao rei, seu pai.

— O rei mandou reunir todos os caçadores do seu reino



e, passados oito dias, partiu cada um com seu destino, a ver se algum encontraria um milhano para matar o mocho e desencantar a princesa.

Em vez de espingardas, levaram redes de dois tombo, para armarem nos regatos, a ver se os milhanos iam beber e apanhar algum vivo.



O rei mandou anunciar por todo o mundo, que daria uma grande fortuna a quem apanhasse um milhano vivo e lho levasse ao palácio.

Passaram muitos dias; todos os caçadores voltaram sem trazerem a ave tão desejada pelo príncipe.

Dos outros reinos, (que naquêles tempos não havia repú-



blicas) não apareceu ninguém que trouxesse um milhano vivo. O príncipe andava muito triste e por fim adoeceu de desgosto pela perda de sua noiva.

— No tempo em que isto aconteceu, havia em Portugal um rapazito muito esperto, numa aldeia pequenina, chamado José Russo, filho dum cocheiro que já morrera (Deus lhe perdôe). O pequeno José Russo ouviu um dia seu pai contar que um rei dum país muito distante, oferecera uma grande fortuna a quem lhe levasse um milhano vivo para matar o mocho azul e desencantar uma princesa.

O garoto muito esperto soube que, por todo o mundo, andava toda a gente preocupada a armar à rede e ao visgo, para apanharem um milhano vivo.

Uma noite na cama, o José Russo acordou e começou a pensar: — Há pessoas tão inteligentes por êsse mundo fóra e ainda ninguém pensou em descobrir um ninho de milhanos?! Porque, descobrindo-se um ninho, apanham-se os ferreirinhos de milhano, criam-se em casa com fígado de vaca e, uma vez criados, leva-se um ao rei e guardam-se os outros, se escaparem todos, porque pode algum morrer no caminho, e neste caso, volta-se atrás a buscar outro.

Naquela noite o José Russo pequenito, não pode dormir mais, a pensar aonde havia de descobrir um ninho de milhano. Assim que amanheceu, levantou-se e foi por êsses matos fora, ao acaso, sem dizer nada a ninguém. Entrou no mato matoso e lá em cima, no alto, aonde o mato é mais crescido, viu um cartaxo que disse: — Que andas tu por aqui a fazer, José Russo?

— Ando à procura dum ninho de milhano.

— Pois sim, mas olha que tua mãe já deu pela tua falta e anda muito apouentada lá por baixo à tua procura.

— Mas se eu encontrar o ninho, ela não se zangará comigo, pelo contrário, fica até muito contente, pois sabe muito bem que, se lhe levar os ferreirinhos, é a nossa felicidade.

— Isso sei eu. Criavas os milhanozinhos e levavas um ao rei, para matar o mocho azul e desencantar uma princesa que é a noiva do príncipe daquele reino muito distante. Depois dava-te uma fortuna muito grande.

— E como soubeste tu isso, meu lindo cartaxinho?

— Como toda a gente sabe. E já que me chamaste lindo, vou ensinar-te onde encontras um ninho de milhanos.

— Será possível?

— Não o duvides. Vai amanhã, ao romper da aurora, à

à Serra d'Ouressa, que eu lá estarei para te ensinar onde encontrarás o ninho.

— E se fossemos lá hoje mesmo?!

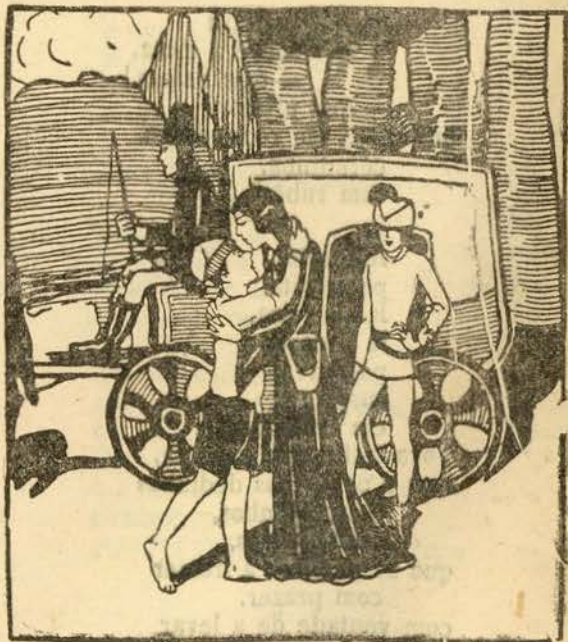
— Hoje não, porque o milhano velho anda desconfiado e não sai do ninho. Se lá vais, êle salta-te em cima e tira-te os olhos. E preciso aproveitares a ocasião em que êle vá encher o papo com a fêmea, e essa ocasião é só ao romper da aurora. Agora vai para casa, que tua mãe anda muito apouentada à tua procura.

O José Russo fez o que o cartaxo lhe disse e quando chegou a casa, sua mãe bateu-lhe, mas êle não disse aonde tinha ido. No outro dia levantou-se muito cedo, pegou num cabazinho e num pano e foi ter com o seu amigo cartaxo à Serra d'Ouressa. O cartaxo ainda lá não estava; ainda era cedo. Mal se via. O cartaxo chegou ao romper da aurora e foi logo ensinar o pequeno José Russo aonde estava o ninho. O pequeno apanhou os ferreirinhos que eram só três, meteu-os no cabazinho, tapou-os com o pano e foi para casa mais contente que um rato. O cartaxo voou até ao mato matoso, onde o José Russo o tinha encontrado, pois lá tinha os seus filhos para agazalhar do frio que era muito.

Quando o pequeno chegou a casa mostrou ao pai e à mãe os milhanos pequeninos e então não lhe bateram. O tio Casimiro arranjava-lhe todos os dias bocadinhos de coração, lá do seu talho, e o José Russo criou, com muito cuidado e com muito carinho, os milhanos pequeninos. Quando já estavam criados, pegou nêles, meteu-os no cabazinho, tapou-os com um pano. Depois o tio Casimiro deu ao José Russo um grande pedaço de coração de vaca, e o nosso grande herói lá foi por ares e ventos *nunca dantes navegados*, levar um milhano ao rei, porque os outros morreram no caminho. Foi recebido com muitas festas. O príncipe pegou no milhano, foi à tapada e deu-lhe a liberdade. O milhano procurou logo o mocho azul que encontrou muito perto e matou-o à bicada. Logo apareceu a princesa, lindamente vestida de fada.

O milhano foi dar a boa nova ao príncipe e êste mandou logo aparelhar os seus mais lindos cavalos, e engatou-os a um carro de tartaruga, que era o mais rico daquele reino, e foi buscar a princesa que estava dali um pouco distante. O José Russo também foi e a princesa, quando o viu, adivinhou que fóra êle quem apanhara o milhano. Agarrou-se a êle e ia-o comendo com beijinhos.

Vieram todos para o palácio aonde, impaciente, a família, real e os fidalgos da côrte, os esperavam. Houve muitas festas no palácio, veio o pai e a mãe da princesa, fez-se o casamento com o grande luxo que os meus lindos meninos

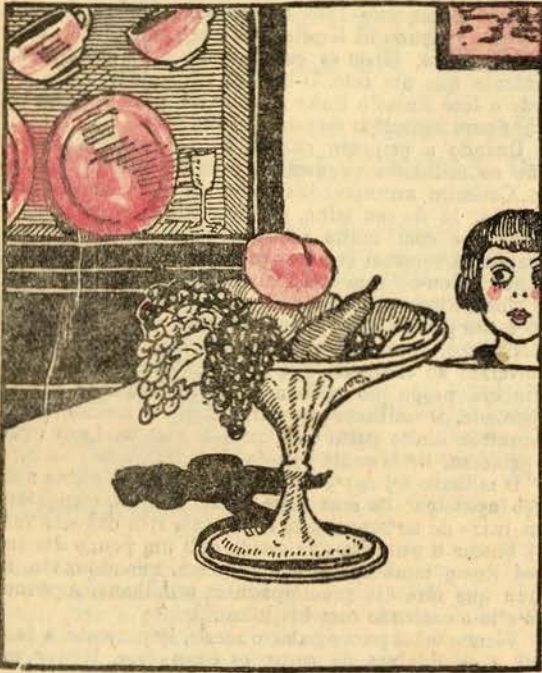


e meninas podem calcular, e o José Russo veio para Portugal outro vez por ares e ventos já d'antes navegados, (por êle, claro, quando foi para lá), e trouxe a grande fortuna que o rei tinha prometido. No caminho o pequeno perdeu quasi todo o dinheiro, mas ainda lhe ficou o bastante, para comprar um automóvel.



# A Ninita Lambareira

POR GRACIETTE BRANCO  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



a Ninita,  
pequenita,  
tivesse feito maldades,  
— tão feias que nem as digo —  
entendeu sua mamã,  
p'ra castigo,  
que não lhe devia dar  
a maçazinha córada  
que, na fruteira da mesa,  
era mesmo uma beleza  
envergonhada...  
A Ninita, suspirava,  
arrepelava,  
sua cabecinha louca!  
Crescia-lhe água na bôca,  
fazia beicinho até...  
Mas, através duma certa  
janela que estava aberta,  
a mãezinha, vigiando,  
andando,  
pé ante pé,  
espreitando,  
quando em quando,  
dizia consigo:  
— «Olé!

Vais levar grande castigo!...»

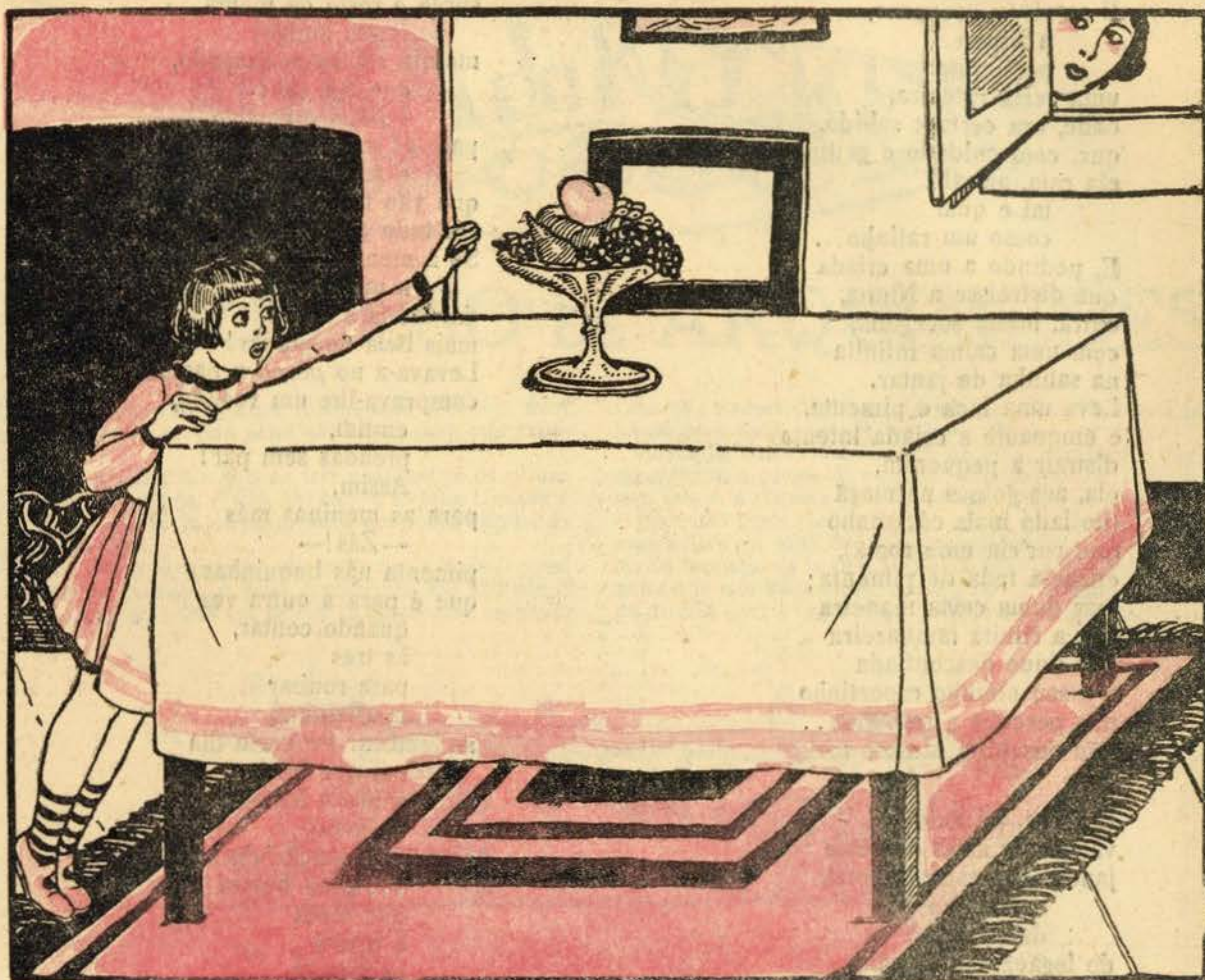
**N**A fruteira  
sôbre a mesa,  
— que beleza!  
— que primor!  
que maçã tão redondinha,  
córadinha,  
com rubôr!...

A Ninita,  
pequenita,  
lambareira,  
lá andava,  
passeava,  
suspirava  
em volta dela...  
Tocava-lhe com cautela,  
com a ponta dos dedinhos  
bem feitiños,  
redondinhos,  
que se punham a tremer  
com prazer,  
com vontade de a levar  
p'rá fileirinha de dentes,  
reluzentes,  
anciosos,  
desejosos  
de a papar,  
de a comer...



Mas como nessa manhã,





Agora, muito em segredo,  
 meninos, vou-lhes contar  
 e dizer,  
 que as maldades que a Ninita,  
 pequenita,  
 tinha feito,  
 foram estas,  
 estas e mais como estas:  
 Devagar,  
 com muito geito,  
 sem ter medo,  
 foi mexer,  
 e remexer,  
 com mãosita  
 redondita,  
 certas travessas de doce,  
 que, se não fôsse  
 tão doce,  
 já não teria tentado  
 o beicito lambareiro,  
 prazenteiro,  
 lambuzado  
 da Ninita  
 pequenita.

Papou,  
 tornou a papar,

e quando não encontrou  
 mais nada para rapar,  
 saiu com muito geitinho...  
 mas bateu com a porta—truz!

Ai! Jesus!

eis que aparece a mamã...

Então,

percebendo o feia acção,  
 levanta-lhe o vestidinho  
 (que era de sarja de lã)  
 e no tu-tu redondinho,  
 bem feitinho,  
 deu palmadinhas sonoras,  
 que fizeram, longas horas,  
 chorar a Ninita má!  
 Embora — imaginem lá!  
 a mãesinha terna e meiga,  
 puzesse nas palmadinhas,  
 grandes porções de manteiga...

Ora a mamã da Ninita,  
 pequenita,  
 lambareira,  
 via, através duma certa  
 janela que estava aberta,  
 que as palmadas com manteiga



de nada tinham valido!  
E resolveu preparar,  
à Ninita  
pequenita,  
uma certa ratoeira,  
onde, era certo e sabido,  
que, com cuidado e geitinho,  
ela caía, afinal,  
tal e qual  
como um ratinho...

E, pedindo a uma criada  
que distraísse a Ninita,  
entra, muito socegada,  
com uma calma infinita  
na salinha de jantar,  
Leva uma faca e pimenta,  
e enquanto a criada intenta  
distrair a pequenita,  
ela, aos golpes na maçã  
(do lado mais córadinho  
que par'cia uma romã),  
enche-a toda de pimenta;  
mas duma certa maneira  
que a Ninita lambareira  
não fique desconfiada  
e o seu olhinho espertinho  
não perceba a ratoeira...  
não descubra mesmo nada

E agora, pé ante pé,  
vai-se pôr atrás de certa  
janela que estava aberta,  
mesmo ao pé  
da chaminé  
do fogãozinho da sala.

Entretanto, ala que ala  
chega a Ninita a correr...  
Vem a rir vem-se a lamber,  
certamente com a idea  
triste e feia  
da maçãzinha comer!...  
Andou de volta  
aos pulinhos,  
como andam os cabritinhos  
à solta!  
É depois  
num  
pulinho  
de maltéz,  
pôs-se a contar:  
— um,  
dois,  
três...

E agarra no frutosinho  
que começa a devorar!

Mas, de repente, — Jesus!  
lança a maçãzinha — truz!  
para o chão: «Ai-ai-ai-ai!  
ai! a minha linguinha!  
Oh! pai! oh! pai!  
Oh! mãesinha!  
Ai-ai-ai-ai-ai-ai!!»  
— Então, através de certa

janela que estava aberta,  
surge o rosto da mamã,  
(rosto amigo)  
meio a rir, meio zangado,  
que lhe diz:  
— «Eis o castigo  
para as meninas gulosas,  
e teimosas,  
que vão meter o nariz  
em tudo que está guardado!  
Se a menina tivesse resistido,  
a mamã  
dar-lhe-ia a maçã  
mais bela do pomar!  
Levava-a no pó-pó a passear,  
comprava-lhe um vestido,  
enfim,  
prendas sem par!  
Assim,  
para as meninas más  
— Zás! —  
pimenta nas boquinhas;  
que é para a outra vez  
quando contar,  
às três  
para roubar  
maçãzinhas,  
se lembrar de certo dia  
em que havia,  
sobre a fruteira  
da mesa,  
uma certa maçãzinha!...  
... Uma belesa  
que tenta  
a Ninita  
pequenita,  
lambareira,  
mas que afinal,  
por seu mal  
'stava cheia de pimenta!!

— «Vem p'ró colo da mamã,  
anda, senta,  
Prometes não mais tornar?»

«Oh! minha querida mãezinha,  
agora,  
não é a pimenta  
que me faz chorar!  
Meu peito chora  
por entender  
a feia acção que eu fiz...  
Porém, sou feliz  
por poder  
ensinar,  
aconselhar  
os meninos  
pequeninos,  
A que não vão mexer  
nas maçãzinhas  
córadas,  
rosadas,  
e nas travessas de doce;  
que...  
sim...»



# HORA DO RECREIO

## O PARAFUSO DE ARQUIMEDES

Um lápis sem verniz, duas rôlhas, sete alfinetes, duas pequenas cuvetas e uma pena vão servir para esta experiência.

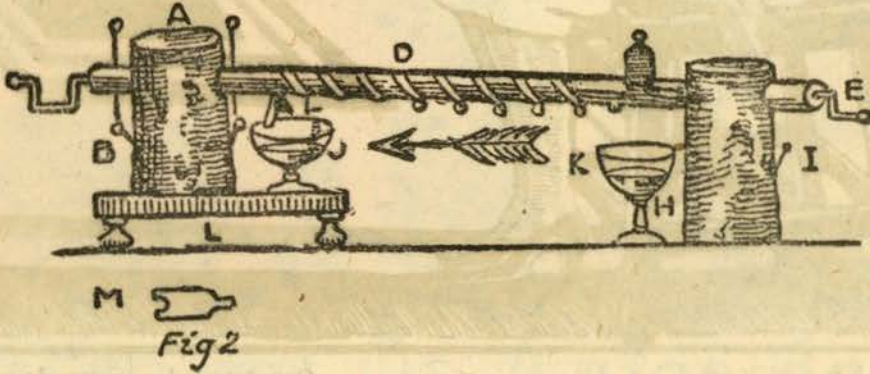
Coloca-se a rôlha *A* a dois ou três centímetros de altura sobre uma prancheta *B* (fig. abaixo), e a rôlha *C* sobre a meza, a uma distância da outra rôlha um pouco inferior ao tamanho do lápis.

As duas rôlhas são furadas, de modo que o lápis *D* possa atravessar os buracos e girar livremente. Um alfinete *E* serve de manivela; dois outros *F* e *G*, enterrados no lápis,

com uma tesoura (fig. 2 da fig. abaixo). Enterra-se esta pena *M*, pela ponta cortada, no lápis, sobre a cuveta *K*.

Enche-se, então, inteiramente de água, córada com tinta ou carmin, a cuveta *K*, e está a máquina pronta a funcionar, isto é, a elevar a água da cuveta *K* para o recipiente *J*.

Para isso basta molhar um pincel na cuveta *K* e traça-se uma hélice em volta do lápis, começando entre os dois dentes da forqueta da pena e acabando sobre o fósforo; depois, antes que esta hélice siga, faz-se girar brandamente o lápis da direita para a esquerda, por meio da manivela.



impedem-lhe a saída dos suportes, dois *H*, *I*, fixam a rôlha que está na prancheta e os dois últimos seguram a segunda rôlha.

Coloca-se em seguida uma cuveta *J* na prancheta, e uma outra *K* na outra extremidade, próximo da segunda rôlha. Esta será quasi tão alta como o lápis.

A cuveta *J* coloca-se um fósforo dobrado em dois que não deve distar do lápis mais de alguns milímetros.

Pega-se, finalmente, numa pena, cuja ponta foi cortada

Então a pena mergulha na água, conduz uma gota ao subir e vai depositá-la na hélice que ela é obrigada a seguir até á ponta do lápis, onde vem esbarrar de encontro ao fósforo que a deposita no copo. Continuando assim, uma gota se encontra na parte baixa de cada espiral da hélice, e sucedem-se assim as gotas umas às outras sem interrupção. Com alguma paciência, conseguir-se-há fazer descer o nível do recipiente *K*, e, com mais paciência ainda, esgotar um rio!

### A DIVINHAS

I

Qual é a terra portugueza que não é quadrada?

II

LABUTES

Formar com estas 7 letras uma cidade portugueza.

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES:

1 — Botão

2 — Salto da bota

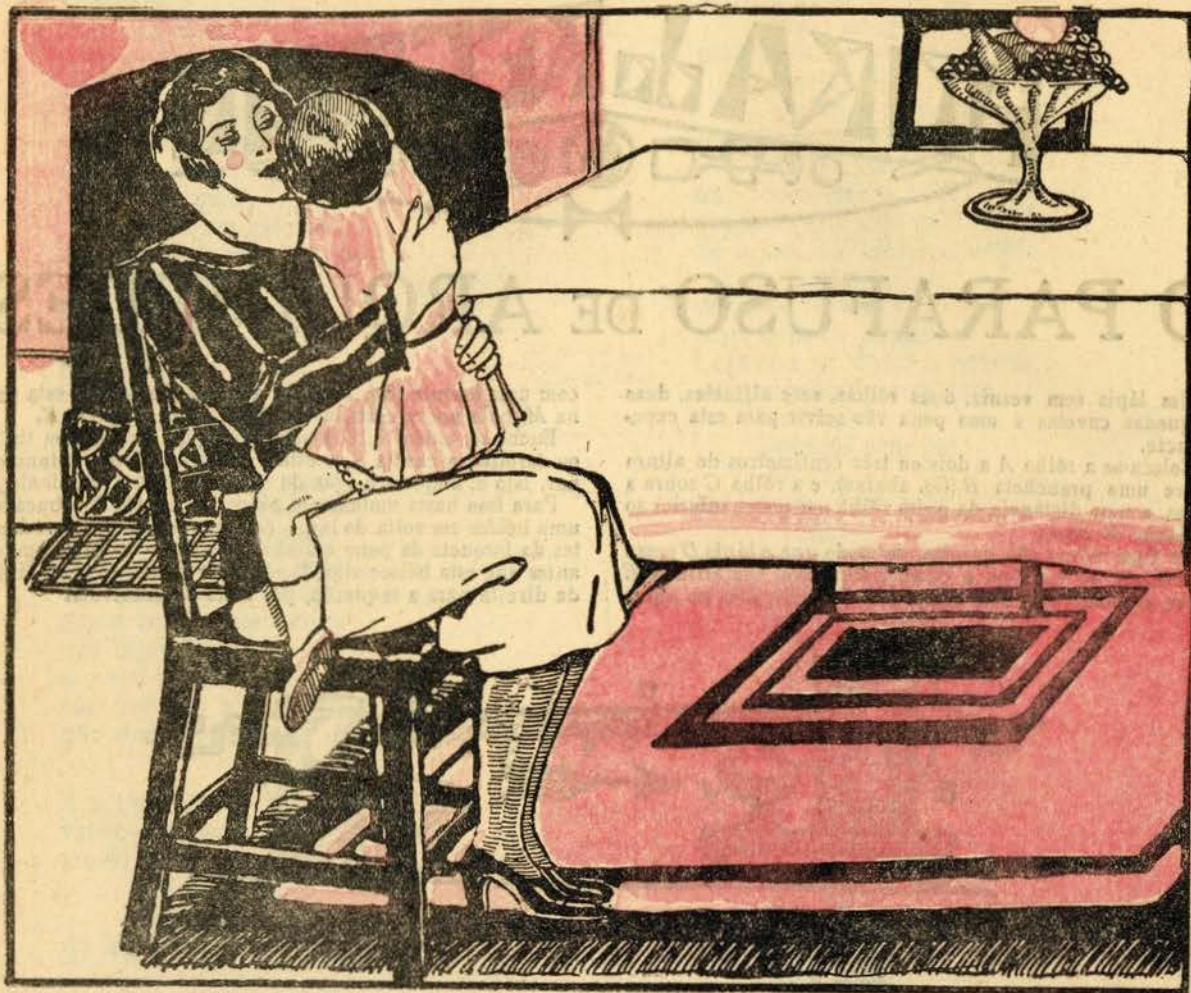
## Correspondência

### AVISO

Em virtude de ter que abandonar, temporariamente, esta secção, o nosso querido colaborador Tio-Tonio — Cardoso Lopes, participamos aos nossos pequeninos leitores que de ora ávante devem enviar as suas cartas para Tio Paulo, que fica substituindo-o durante a sua ausência, ou para os directores do nosso jornalzinho.



## A NINITA LAMBAREIRA — Continuação da pág. 6



emfim...  
Se ele não fosse  
tão doce  
— é sabido —  
não faria o meu beicinho  
sonsinho...  
ser assim  
atrevido...»

E no colo da mãezinha  
a Ninita  
pequenita,  
cobria-a toda de beijos!  
— Entretanto,  
nos lampejos  
do olhar da mamãezinha  
bailavam gotas de pranto....  
E' que afinal,  
o ardor,  
que a Ninita  
pequenita  
inda tinha  
na linguinha,  
sentia-o ela também,  
tal e qual  
na sua língua!

Que grande! que grande amor  
é o amor duma mãe!!

Ouçam meainos,  
ladinos,  
à mingua  
de mais dizer,  
quero fazer  
entender  
aos vossos coraçãozinhos  
inocentes,  
os dois conceitos  
eleitos,  
desta poesia banal:

— Serem sempre obedientes,  
e nunca fazerem mal;  
para jamais  
desgostar,  
molestar,  
os vossos bons papázinhos!  
Que afinal,  
os peitos dos nossos pais  
são sempre cofres dos ais  
dos coraçãozinhos dos filhinhos!